

Eles só pensam “naquilo”

Érico Nogueira

Resenha do livro *Falo no Jardim: Priapeia Grega, Priapeia Latina*, João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

A tradução dos clássicos greco-latinos, e em especial a tradução em verso da poesia dita clássica, nunca teve muitos adeptos no Brasil, nem mesmo entre os poucos – ou serão pouquíssimos? – que ensinam latim e grego em nossas universidades.

Contudo, desde que Haroldo de Campos na esteira do ensaio “*Da Tradução como Criação e como Crítica*” (1962), “redescobriu” as então esquecidas traduções de Manuel Odorico Mendes – entre as quais figuram a *Odisseia*, de Homero e a *Eneida*, de Virgílio, por exemplo –, pode-se dizer que volta e meia se publicam traduções em verso deste ou daquele poeta grego ou latino no Brasil, ainda que, via de regra, os autores e obras traduzidos não destoem do seletor grupo de “grandes nomes” da poesia ocidental: Homero, os trágicos gregos, Virgílio.

Neste novo “cenário”, pois, inaugurado por Haroldo de Campos – que traduziu a *Iliada*, de Homero –, João Angelo Oliva Neto ocupa lugar de destaque. Depois de publicar, ainda nos anos 90, bela tradução em verso de toda a poesia do romano Catulo – cuja segunda edição, revista e aumentada, se encontra no prelo –, segue-se agora, já no século XXI, o ousado *Falo no Jardim: Priapeia Grega, Priapeia Latina*.

O livro, basicamente, é uma recolha de poemas gregos e latinos dedicados ao deus Priapo, traduzidos em verso, anotados, precedidos de ensaios teóricos e acompanhados de apêndices e ampla iconografia. Não obstante, é livro sobretudo de poesia e para quem gosta de poesia, e não supõe que o leitor domine nenhuma outra língua além da portuguesa. Por ser integralmente bilíngue, pois, é livro para o especialista e o não-especialista.

Mas quem é, afinal, o deus Priapo, e o que, afora o mesmo divino destinatário, liga os poemas reunidos neste livro? Quanto à primeira pergunta, digamos que Priapo é uma divindade itifálica, i.e., “do falo ereto”, que, relacionado à fecundidade, protegia pomares, hortos e jardins; representam-no, em regra, como um ente mais ou menos disforme, de falo imenso e flagrantemente desproporcional, algo aparentado aos sátiros e outras divindades rústicas. Entre

natureza e cultura, portanto, o deus é mais próximo da primeira, ainda que sua presença em jardins privados, sob a forma de estátuas e outros ícones, sugira que se tratasse, mais propriamente, de uma divindade de ligação, algo como uma ponte entre a exuberância da natureza e a limitação das leis. Com efeito, o jardim é outra coisa além de “natureza delimitada”, sujeita a leis que não são as suas?

Quanto à segunda pergunta, respondê-la como convém nos levaria a minúcias de Retórica e Poética, o que evidentemente não vem ao caso; digamos, porém, que, além do caráter mais ou menos “religioso” com que se trata matéria francamente fálica e obscena, e dos versos breves, de tom epigramático, que para tanto se utilizam, o que une esses poemas é a ênfase no ridículo, no riso, no chiste. São poemas “engraçados”, portanto, e geralmente curtos, que giram ao redor “daquilo”: o sexo.

Desde a publicação de *A Interpretação dos Sonhos* (1900) e, sobretudo, de *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente* (1905), sabemos que chistes, piadas e outras manifestações do gênero podem incluir o rol do que Freud chama de *Versprechen* (*lapsus linguae*) e que, por isso, guardam certa relação com o inconsciente. Ora, dissemos há pouco que Priapo, protetor dos jardins, era como uma ponte entre a “desregrada” exuberância da natureza e a ordenada compunção das leis. Se pudermos, pois, substituir “natureza” por “inconsciente”, “leis” por “superego”, e “*lapsus linguae*” por “poema”, o caráter risível destas composições, dedicadas ao deus do falo ereto, é tudo, menos casual. Vale a pena conferir.